

Lembrança da Capitania de São Vicente

HAVIAM-ME prometido pescadas soberbas e robalos dêste tamanho, sem exagero; e até espadartes. Passamos o dia inteiro no barco e tudo o que matamos foi uma dúzia de humildes canguás. Êles visivelmente se esforçaram para se prenderem a nossos anzóis imensos; assim salvaram a honra desses rios e mangues entre São Vicente e Santos. Em memória do que, um historiador presente declarou que o antigo nome de São Vicente era Canguás. Moradores locais negavam, furiosos, mas êle insistia na invencione com sua autoridade de traça de Ms: "Até meados do século XVI ainda se escrevia — São Vicente, antiga Canguás — em todos os documentos. E sabe por que êsse nome? Porque se viu que nessas águas só existia uma raça de peixe, o canguá."

Fôsse como fôsse, havia senhoras nos esperando na casa da Praia Grande. Como chegar da pescaria, nós todos, homens grandes e barbudos, com tanto apetrecho e só com aquêles canguázinhos inocentes? Compramos algumas pescadas e chegamos em casa de cabeça erguida.

É bela, esta São Vicente, com praias mansas e praias bravas, com mangues e mar aberto. Se não caçamos mais peixe foi porque na maré de lua nova as águas sobem e descem com fúria demais. Mas caçamos o principal, êsse silêncio e essa brisa dos mangues entardecendo, essa garrafa de cachaça passando de mão em mão. Somos pescadores de sossêgo e de amizade; pescamos a melancolia altiva

da ponte pênsil, mas também a tristeza negra, humilde e longa dessa ponte baixa por onde passa o trenzinho que vai para o litoral-sul.

O japonês encosta o barco na margem. Comemos sôbre velhas canoas, e o silêncio é bom nessa indolência de beira-rio. A vida é vaga, mansa...

Mas olho o chão. E vejo tôda uma horda de siris minúsculos, cada um erguendo no ar uma puã única, mas do tamanho de seu corpo. Com essa patola gigantesca para seu talhe, êsse caranguejinho parece um pequeno povo que gasta em armamento tôda a sua receita. Ao longo da margem a terra é tôda crivada de buracos onde êles se escondem quando a gente — êsse monstro, o homem — avança. A gente se afasta, êles saem dos "fox-holes" e enxameiam outra vez, puãs no ar, nessa vida de guerra e fome.

Junto a um tronco vejo passar uma formiguinha vermelha. Carrega com esforço uma fôlha grande; caminha penosa, mas implacavelmente. Isto é a vida, essa teimosia obscura e feroz de cada dia. Um instinto sem finalidade além da vida mesma — a vida que se defende para se repetir em mais uma geração de siris, de formiguinhas ruivas e de homens, tropeçando nos mesmos enganos, avançando com a mesma sinistra obstinação... para quê?

O melhor é tomar mais uma cachaça, fumar um cigarro e dormir um pouco no bôjo da velha canoa. Dormir de corpo largado, dormir bem sôlto, como se fôsse para todo o sempre.